



A formação de leitores via Transposição Didática em quadrinhos: análise da obra literária “Os Miseráveis” de Victor Hugo

*The formation of readers via Didactic Transposition in comic books: an analysis
of the literary work "Os Miseráveis" (The Miserable's) by Victor Hugo*

Artenizia Leonel Dias

Mestra em Educação

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Palmas, Tocantins – Brasil.

artenizia@uft.edu.br

Gustavo Cunha de Araujo¹

Doutor em Educação

Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

Araguaína, Tocantins – Brasil.

gustavocaraujo@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender o processo de alfabetização, letramento e formação de leitores na perspectiva da transposição didática da literatura clássica em história em quadrinhos para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Adotamos a abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, tendo como participantes crianças de uma turma de educação infantil. As atividades relacionadas com a obra clássica “Os Miseráveis” nos proporcionaram compreender que o processo de letramento foi bem percebido durante a realização das atividades. Esse processo foi significativo para que as crianças ampliassem o seu conhecimento de mundo. A pesquisa evidenciou também que a partir das atividades realizadas na leitura da obra literária, a maioria dos alunos se encontra em um nível de letramento acima do que se espera para sua faixa etária.

Palavras chave: história em quadrinhos; letramento; literatura.

Abstract: This article aims to understand the process of literacy and formation of readers from the perspective of the didactic transposition of classic literature into comic books for students in the 1st year of elementary school. We adopted a qualitative approach, of the research-action type, having as participants children from a kindergarten class. The activities related to the classic work "Os Miseráveis" (The Miserable's) allowed us to understand that the literacy process was well perceived during the activities. This process was significant for the children to expand their knowledge of the world. The research also showed that from the activities carried out in the reading of the literary work, most students are at a literacy level above what is expected for their age group.

Keywords: comic books; literacy; literature.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

DIAS, Artenizia Leonel; ARAUJO, Gustavo Cunha. A formação de leitores via Transposição Didática em quadrinhos: análise da obra literária “Os Miseráveis” de Victor Hugo. *Dialogia*, São Paulo, n. 43, p. 1-20, e23627, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/43.2023.23627>.

American Psychological Association (APA)

Dias, A. L., & Araujo, G. C. (2023, jan./abr.). A formação de leitores via Transposição Didática em quadrinhos: análise da obra literária “Os Miseráveis” de Victor Hugo. *Dialogia*, São Paulo, 43, p. 1-20, e23627. <https://doi.org/10.5585/43.2023.23627>.

¹ Bolsista de Produtividade PQ-2 (CNPq).

Introdução

Inicialmente, a Transposição Didática surgiu nas pesquisas de Yves Chevallard, segundo a sua obra *La Transposition Didatique*, de 1985. Nela, o autor mostrou que essa transposição surge da transformação de um conhecimento científico para o conhecimento ensinado na escola. Ou seja, após essa mudança, o saber escolar se torna adequado para ensinar diferentes conteúdos no processo de escolarização.

Ao partir para o processo de alfabetização infantil, a Transposição Didática se torna mais complexa, uma vez que os anos iniciais marcam o início da escolarização das crianças, na qual se considera, entre outros aspectos, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para que ela se desenvolva durante esse processo.

Nesse sentido, a leitura se torna importante para esse desenvolvimento infantil, pois poderá ajudar a criança na compreensão de conceitos e na elaboração de novos objetos do conhecimento, que a ajudem a entender como ela pode se socializar com o mundo a sua volta, e a se comunicar de diferentes formas com as pessoas das quais convive. Com isso, a literatura pode ser o ponto inicial para que esse processo se torne mais pleno durante o desenvolvimento da criança na escola (CÂNDIDO, 1995).

Embora seja um pensamento de senso comum, sabe-se que a Educação Infantil é de extrema importância no processo formativo e preparação para as etapas seguintes. Diante disso, percebe-se que a ação de contar história todos os dias, conforme experiência na educação infantil de uma das autoras deste artigo, já despertou o interesse das crianças, pois quando a professora esquecia-se de contá-la, ou tinha outra atividade programada, elas faziam questão de lembrá-la e pediam para que ela lê-se a história para a turma.

Costuma-se dizer que o ato de contar histórias tem que ser parte da rotina escolar do primeiro ano, onde a professora (uma das autoras deste artigo) já atua há alguns anos. Esse momento é extremamente enriquecedor, pois a partir dele as crianças começam a se expressar melhor, expande a imaginação e curiosidade, se tornam mais atentas, conhecem melhor o livro, compreendem as etapas da história e constroem suas hipóteses. Ao mesmo tempo, o professor pode aproveitar e iniciar o letramento literário com elas, que pode ser aprofundado durante a escolarização.

A partir dessas primeiras considerações, a pesquisa tem como objetivo compreender o processo de alfabetização, letramento e formação de leitores na perspectiva da transposição didática da literatura clássica em história em quadrinhos para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública localizada no estado do Tocantins, região norte do Brasil.

É essencial assinalar que a escolha para leitura da obra para as crianças foi por meio de “Contação da história de forma fatiada”, na qual teve momentos de fragmentação por meio de ilustração, construindo sempre a revisão do enredo apresentado no livro analisado.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

O estudo seguiu uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, uma vez que as análises ocorreram com estudantes e professores da turma de educação infantil pesquisada, gerando um processo sistemático para identificar e compreender o problema da investigação e apontar possíveis soluções ao mesmo (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

O local de realização deste estudo ocorreu em uma escola pública de tempo integral, localizada na cidade de Palmas, estado do Tocantins, Região Norte do Brasil. Os dados foram gerados durante o primeiro semestre de 2022, de forma presencial a partir da pesquisa-ação realizada, que compreendeu: observação das aulas de educação infantil, e participação ativa da professora da turma no desenvolvimento das atividades com as crianças, além de entrevistas semiestruturadas feitas pela docente com elas, nesse mesmo período, além de relatos orais narrados por elas durante as aulas das obras da literatura brasileira em quadrinhos: *O Quinze*, de Rachel de Queiróz e *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Contudo, neste texto, considerando os limites de espaço e abordagem pertinente a um artigo, considerou-se apenas a segunda obra.

A escolha dessas obras se deu pelo fato de ambas abordarem clássicos da literatura e apresentarem elementos que ajudem a responder ao problema de pesquisa, a partir do objetivo colocado nesta investigação.

“Os Miseráveis”, do escritor francês Victor Hugo, publicado em 1962 é considerada a maior obra literária do século XIX. Aborda temas como pobreza, revolta, Revolução Francesa, perversidade, desigualdades, conflitos sociais, pluralidade cultural, ética, trabalho, consumo e amor.

É importante salientar que os critérios de participação na pesquisa foram as seguintes: os alunos teriam que ter frequência mínima de 70% nas aulas e os pais autorizarem via TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) a participação deles neste estudo. Ademais, para atender aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos e envolvendo menores de idade, utilizou-se códigos para designar os participantes, sendo mencionados neste estudo da seguinte forma: A1 (referente a aluno 1), A2 (referente a aluno 2) e assim respectivamente para os demais.

Por fim, buscou-se, a partir da pesquisa interpretativa (ERICKSON, 1985), analisar as ações ocorridas no campo da investigação, neste caso, na sala de aula da escola pesquisada, e interpretar as informações obtidas. Com isso, conseguiu-se produzir conhecimento que pode

colaborar para ampliar um pouco mais estudos acerca da literatura na educação infantil, a partir das histórias em quadrinhos.

Dito isso, pretendeu-se, portanto, descrever as ações desenvolvidas durante a pesquisa de campo, em consonância com os dados obtidos via entrevistas com as crianças e das atividades de leitura e escrita elaboradas com elas, uma vez que buscou-se também sistematizar e interpretar as ações ocorridas no campo de investigação, importante para compreender o ambiente da sala de aula onde ocorreu o estudo (ERICKSON, 1985).

As virtudes e renovações morais humanas no letramento literário: a obra Os Miseráveis, de Victor Hugo

Nessa categoria de análise, destacamos a obra Os Miseráveis, trabalhada com a turma de educação infantil, da escola pesquisada. Como dito anteriormente, essa obra é retratada em histórias em quadrinhos. Abaixo, seguem algumas informações deste livro:

Obra: Os Miseráveis.

Autor: Victor Hugo.

Adaptação e roteiro: Daniel Bardet.

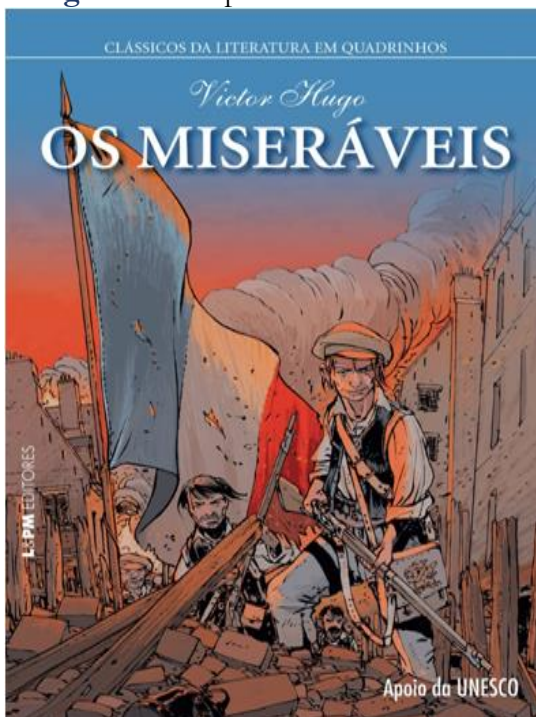
Desenhos: Bernard Capot.

Cores: Arnaud Boutle.

Editora: Ática 2014, 112 páginas.

Data da publicação: 2012.

Imagem 01 – Capa da obra utilizada



Fonte: L&PM 1ª Edição (2016).

Na obra *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, a história foi contada sequencialmente, em consonância com atividades que se referiam aos conteúdos presentes no enredo. A contação não acontecia todos os dias (optamos por deixar também que os alunos escolhessem o dia para a sua continuidade), pois às vezes faltavam muitos colegas ou tinham outras atividades a serem realizadas que eram organizadas pela própria escola. Mas, sempre antes de iniciarmos a história, recapitulávamos o que foi discutido na aula anterior. Após a leitura e manuseio das partes que compunham a sua história, essas ficavam expostas nas paredes da sala, para que as crianças pudessem lê-las quando sentissem vontade. A seguir, apresentamos uma das imagens que mostram discentes manuseando alguns trechos dessa obra:

Imagem 02 – Alunas lendo parte da obra



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme as imagens, a história ficava exposta a todos e isso foi muito importante para a compreensão do seu enredo, pela turma. Isso ajudou os alunos a acompanharem o processo de sequência visual da história (na linguagem dos quadrinhos). Nesse processo, constatamos que eles, por livre vontade, gostavam muito de ir até o local onde se encontrava a história para ler ou observar mais de perto uma cena que despertava a curiosidade deles. Mais uma vez destacamos como as ilustrações em quadrinhos despertam o interesse pela leitura nos alunos, pois é impressionante como a forma dos desenhos e especialmente as expressões dos personagens lhes chamavam a atenção.

As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos – a inclusão dos quadrinhos na sala de aula possibilita ao estudante ampliar seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita, que normalmente utiliza. Devido aos variados recursos da linguagem quadrinhística – como o balão, a onomatopeia, os diversos planos utilizados pelos desenhistas –, os estudantes têm acesso a outras possibilidades de comunicação que colaboram para seu relacionamento familiar e coletivo. (VERGUEIRO, 2014, p. 30).

Nesse momento, observamos também a leitura colaborativa, na qual os alunos iam contando aos seus colegas a história, ampliando a capacidade de entendimento e interpretação daquilo que estava sendo visualizado e lido por eles. Diante disso, nós os deixamos, na maioria das vezes, sozinhos nessa ação. No entanto, somente quando eles solicitavam a ajuda da professora/pesquisadora para explicar alguma parte ou uma palavra que era desconhecida deles, a docente intervivia/orientava; caso contrário, eles mesmos faziam a sua interpretação.

Ao escolher o livro *Os Miseráveis* para a pesquisa, também foram selecionados temas que poderiam ser desenvolvidos em sala de aula. Esses temas surgiram a partir da leitura feita pela professora/pesquisadora, mas alguns ocorreram no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, como por exemplo, o tema religiosidade e guerras. Mantivemos a flexibilidade do planejamento, seguimos o mesmo tipo de contação de história, a fatiada, mas abertos para mudanças, caso fosse necessário.

No primeiro contato dos alunos com a obra, lemos juntos o nome da história e questionamos eles o que significa a palavra “miseráveis”. Alguns não souberam dizer e outros mencionaram se tratar de um “chingamento”, que não era uma coisa boa para ser dita, como mencionado por um dos discentes: “Um palavrão, professora”. (aluno 2). Após a explicação do significado do nome pela professora/pesquisadora, eles compreenderam que o nome se referia à pobreza, dificuldades ou um adjetivo utilizado para nomear pessoas sem valores morais, como a bondade.

Em seguida, mostramos a eles a capa da obra e os questionamos se apenas pela imagem dessa capa eles conseguiam imaginar como seria aquela história. O aluno 7 disse que parecia ser uma guerra, que aquelas pessoas estavam lutando, talvez, pelo fim da escravidão. Diante dessa importante afirmação, é preciso salientar que:

A cor faz parte dos quadrinhos, embora seja um recurso ainda pouco estudado nessa linguagem. São signos plásticos que contêm informação ora mais relevante para a compreensão do texto narrativo, ora menos. Mas sempre com conteúdo informacional e inserida no espaço do quadrinho, onde se passa a cena narrativa. (RAMOS, 2009, p. 87).

Ou seja, as histórias em quadrinhos, dentre outras características de sua linguagem, utilizam da cor para não apenas chamar a atenção do leitor, mas também para potencializar a comunicação

visual da mensagem relatada na cena. Isso é importante para ampliar a capacidade de leitura e interpretação da história, como pode ser notada no depoimento acima do aluno 7.

Na capa da obra *Os Miseráveis*, as pessoas estavam com armas, e isso chamou bastante à atenção dos alunos, pois disseram ser uma briga entre pessoas, uma armadilha, guerra, uns tentando matar os outros. Além disso, destacaram a presença da bandeira na cena. Nesse momento, as crianças já estavam mais atentas à parte visual da obra. As suas interpretações e análises já estavam mais elaboradas também, muito devido à experiência com a análise da história anterior (*O Quinze*, de Rachel de Queiróz) e aprendizado desenvolvido a partir das atividades trabalhadas em sala de aula. Na esteira desse pensamento, Kleiman (2004, p. 82), ressalta que:

Quando o sujeito é mais participativo na leitura e apreciação da imagem, mais desenvolve a sua “inteligência visual”. Assim, na medida em que desenvolve a capacidade de interpretar e de se expressar por meio da linguagem visual, a sua capacidade de fazer inferências, analogias, críticas e critérios são também desenvolvidos. Desse modo, o conhecimento propicia interpretações baseadas num sentido de adequação e prazer estéticos e, por sua vez, esse nível de desenvolvimento cria autonomia.

Isto é, trabalhar com “textos visuais” e verbais pode ser muito significativo para a aprendizagem da criança na educação infantil, pois nessa fase escolar elas estão em processo contínuo de aprendizagem, entendimento e uso de elementos visuais (aqui, entendemos como sendo elementos visuais não apenas imagens, mas letras e números também). Por isso, utilizar as histórias em quadrinhos nesse processo pode desenvolver ainda mais a capacidade delas de estabelecer comparações, emitir conclusões e estabelecer critérios de análises acerca do mundo a sua volta.

Como os alunos já se encontravam mais familiarizados com as histórias em quadrinhos e mais atentos a narrativa, a leitura dessa obra ocorreu de forma mais “rápida”, até porque as atividades relacionadas nelas eram mais discursivas e dialógicas, o que permitiu que as crianças expressassem seus pensamentos por meio do diálogo, dando sentido a sua aprendizagem, para si e para o outro, em sala de aula.

Vale destacar que por não estarmos mencionando a aprendizagem da gramática, não significa que ela não esteja acontecendo, uma vez que a história contada envolve não apenas os desenhos em quadrinhos, mas letras e palavras também. Ter contato com esses elementos também ajuda as crianças a desenvolverem o processo de leitura e escrita (ARAÚJO, 2018). Ademais, a história contada em formato de HQs (histórias em quadrinhos) tem na imagem o seu principal elemento, sendo assim, mesmo as crianças que ainda não estão alfabetizadas, conseguem compreendê-la. Ou seja, os elementos visuais da obra levam ao desenvolvimento de múltiplos letramentos, como o estético, mencionado por Araújo (2018, p. 26), ao dizer que “o letramento

estético pode ajudar esse estudante, ou mesmo, um analfabeto, a compreender um texto que, apenas constituído por letras e palavras, seria para ele praticamente impossível de entendê-lo”.

A escolha desse gênero literário garantiu aos alunos o desenvolvimento do letramento literário e com isso uma maior compreensão da narrativa, já que agregava os elementos da leitura e escrita por meio da arte. Isso possibilitou a eles serem capazes de compreender as obras literárias analisadas. Nesse raciocínio:

[...] a arte desenvolve significativamente os aspectos intelectuais do aluno, pois lhe possibilita ter um aproveitamento melhor na escola, além de conseguir compreender melhor a realidade da qual se insere, se tornando um indivíduo mais criativo, crítico e participativo, com tomada de consciência da realidade, importante para ampliar o seu conhecimento de mundo, cultural e estético. (ARAÚJO, 2018, p. 133).

Todavia, nosso enfoque é o letramento literário, que também contempla a aprendizagem da língua materna, uma vez que ele se faz com o texto literário. No entanto, nesse processo prioriza-se não somente a aquisição da leitura e escrita, mas as mais variadas aprendizagens que o leitor desenvolve a partir do seu contato com o texto. É importante mencionar isso, pois esse processo não diminuiu os objetivos epistemológicos da nova obra em relação a anterior. Apenas entendemos que cada obra deve ser trabalhada em sala de aula de acordo com as suas especificidades.

Durante o desenvolvimento da narrativa, surgiram temas e situações que nos levaram a novas ideias de aprendizagens. Esse é um ponto que o professor deve ficar atento durante a sua prática pedagógica, pois o planejamento deve ser flexível, haja vista que podem ocorrer mudanças que contribuirão positivamente para um melhor desenvolvimento dos alunos nas atividades realizadas em sala de aula.

Nessas análises, vale salientar que partimos das ideias de letramento na concepção de Cosson (2015, p. 179), ao dizer que o letramento literário ainda é um campo dinâmico e complexo com fronteiras não fixas, isto é, ele pode ser conceituado de diferentes modos, enfatizado por ele na citação abaixo:

Concepção pluralizada de múltiplos letramentos que se particulariza pelo conhecimento ou área que servirá de adjetivo. Nesses casos, o conceito é ampliado a ponto de deixar de lado a escrita como referente básico e mesmo a questão das linguagens para forçar em uma competência ou perspectiva crítica relativa ao campo de atuação.

Sobre essa concepção de letramento literário, Cosson (2015) corrobora que esse letramento recebe impactos de estudos culturais no campo literário, embora se faça presente no desenvolvimento de habilidades de ler os textos, para verificar questões ideológicas ou relativas às identidades e identificações sociais. Nesse campo, ele inclui ainda outras habilidades como a consciência crítica dos leitores em relação aos mais variados temas sociais.

Pensando nessa concepção de letramento literário, pode parecer, em um primeiro momento, difícil ou até impossível pensar em uma formação crítica com crianças pequenas. Entretanto, entendemos que o processo de formação deve acontecer independente das nossas práticas educativas. Além disso, defendemos que o professor deve contribuir para uma formação transformadora dos alunos. Isso se faz com uma ação pedagógica que os levem a refletir sobre o mundo. Conseqüentemente, essa reflexão parte de práticas nas quais a criança seja capaz de se apropriar delas por meio da interação. Por isso, escolhemos as histórias em quadrinhos, por conterem elementos que captam a atenção e o imaginário das crianças. Embora elas nessa idade escolar ainda não dominem a gramática, se sentem mais capazes e motivadas quando percebem que podem ler e entender a linguagem visual. Daí a importância dos letramentos múltiplos no ambiente escolar.

Podemos dizer que trabalhar com a leitura e escrita na escola hoje é muito mais que trabalhar com alfabetização ou os alfabetismos: é trabalhar com os letramentos múltiplos, com as leituras múltiplas – a leitura na vida e a leitura na escola – e que os conceitos de gêneros discursivos e suas esferas de circulação pode nos ajudar a organizar esses textos, eventos e práticas de letramento [...] trata-se, então, de garantir que o ensino desenvolva as diferentes formas de linguagem (verbal, corporal, plástica, musical, gráfica etc.) (ROJO, 2009, p. 119).

Assim, nesse primeiro momento da narrativa, o destaque na história foi o personagem principal, Jean Valjen, por ser um criminoso e ter roubado o padre que o havia hospedado. As crianças se manifestaram dizendo que roubar é errado, sendo, portanto, uma coisa que não devemos fazer. Destacaram ainda que o protagonista da história não deveria ter agido assim, e que ele está sendo perseguido, já que não deram hospedagem a ele.

Na continuidade, uma parte dessa história chamou a atenção de todos. Referia-se a cena na qual o padre faz uma coisa boa para Jean Valjen, e diz: “Jean Valjen, lembre-se meu irmão, lembre-se que já não pertence ao mal, mas sim ao bem. É a sua alma que acabo de comprar, e eu a entreguei a Deus.” (imagem 03)

Imagem 03 – Página 11 do livro Os Miseráveis



Fonte: L&PM 1ª Edição (2016).

A história do livro tem como um dos focos as virtudes do homem, a regeneração de um criminoso, e essa compreensão pode ter sido bem assimilada pelas crianças, pois percebemos que todas elas têm alguma religião, como identificado durante a leitura da obra anterior (O Quinze). Sem fazer proselitismos, eles notaram que as pessoas podem ser transformadas “em pessoas melhores”, e como alguns disseram: “Deus quer que façamos o bem”.

Entretanto, em determinado momento da vida (relatada na obra), o personagem foi preso por ter roubado um pedaço de pão para alimentar os sobrinhos. A esse respeito, questionamos: até que ponto isso seria errado? Justificaria a prisão de um homem por tentar alimentar as crianças? Os alunos concordaram que roubar é errado, mas que para acabar com a fome ele agiu certo. Em seguida, fizemos um levantamento de coisas que são certas e erradas diante das nossas leis, e quais são as punições determinadas na legislação brasileira.

Nesse sentido, o ponto central desse questionamento era: por que as pessoas passam fome? A resposta eles sabiam: “porque tem pessoas que não tem o que comer e outras têm” (aluno 5). Ou seja, as crianças entendem que a desigualdade permanece até os dias de hoje.

Mais uma vez temos o enfoque no comportamento social do homem, visto que a obra literária analisada destaca bastante esses problemas sociais como a miséria e a fome. Embora sejam

em épocas distintas (Os Miseráveis e O Quinze), de revelarem assuntos semelhantes em alguns aspectos, propomos discussões que levassem os alunos a novas reflexões.

É essencial assinalar que consideramos o processo de escolarização adequado àquele que conduz o aluno às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar (SOARES, 2003). Dito isso, a nossa proposta de formação de leitores com crianças pequenas, desde o início, foi realizar práticas pedagógicas que fossem apropriadas aos alunos de primeiro ano e de forma que o texto literário fosse trabalhado integralmente em sala de aula com eles.

Sobre isso, Paulino e Cosson (2009, p. 74) asseveram que “o letramento literário requer o contato direto e constante com o texto literário”, cabendo à escola, “disponibilizar espaços, tempos e oportunidades para que esse contato se efetive”. Desse modo, o papel da professora/pesquisadora foi de orientar as atividades que envolviam os textos literários no processo de aquisição de habilidades de leitura, escrita, letramento e formação de leitores pelas crianças. Acerca da mediação, Paulino e Cosson (2009) colocam que para uma correta escolarização da literatura, é preciso que as práticas mediadoras ajudem o letramento literário a ser concretizado em sala de aula.

Na aula seguinte, após a leitura da história junto com as crianças, elas foram motivadas pela docente/pesquisadora a falarem livremente sobre o que entenderam ou algo que tenham lido chamado a atenção na obra Os Miseráveis. Para ampliar o debate em sala de aula, a professora também fez perguntas para fomentar o diálogo entre estudantes e a própria docente. A imagem abaixo mostra um pouco desse momento:

Imagem 04 – Aluna utilizando as imagens no quadro para comentar a narrativa



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma observação importante precisa ser feita: por se tratar de histórias em quadrinhos, ao observarem a sequência da narrativa da obra, muitas vezes as crianças construíram hipóteses ou anteciparam os acontecimentos. Ou seja, a sua imaginação, fruto da compreensão da história, foi aguçada o tempo todo pelo tema apresentado, via histórias em quadrinhos. Isso ocorre, pois,

[...] as Histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. A forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa – entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos –, é também um elemento que reforça a utilização das histórias em quadrinhos no processo didático. (VERGUEIRO, 2014, p. 21).

Posteriormente, a professora/pesquisadora indagou a turma: “Uma pessoa pode ser ruim e depois ficar boa?” “Qual a virtude do Jean Valjen?”. Em seguida, os alunos responderam assim: “Ele é uma pessoa boa, porque ele ajuda as pessoas.” (aluno 10). “A mulher que cuidava da Cossete era má”. (aluna 16). “Todo mundo precisa de ajuda na vida. Jean Valjen é um tipo de pessoa bondosa”. (aluno 3)

Esses depoimentos são importantes, pois as suas respostas levaram a docente a questionar com eles o que são virtudes. Por meio do diálogo, a professora fez a nomeação de algumas virtudes e o que seria o contrário delas (os defeitos e/ou, imperfeições). Assim, na medida em que a história

avançava, buscamos identificar e compreender esses significados. Por exemplo: quando a personagem Fantini vai viver nas ruas, as crianças disseram que já viram pessoas nas ruas da cidade, pessoas pobres, sem trabalho, comida e dinheiro, que isso deve ser triste.

Embora a cidade (Palmas-TO) seja considerada pequena, em termos populacionais, comparada aos grandes centros, problemas sociais como pessoas morando nas ruas já existem e são percebidos também pelas crianças. Essa causa eles atribuem a falta de trabalho, do dinheiro, as roupas, a comida e as casas, porque as “pessoas são egoístas, são malvadas e não querem ajudar as outras. Como no livro, onde o inspetor Javert é muito malvado” (aluno 7). Nesse momento, fizemos com essas inferências algumas definições contrárias às virtudes, tais como a raiva, o ódio, a ganância.

Dando continuidade às discussões, a personagem Fantini é agredida por um homem e acaba sendo presa. Aproveitamos essa passagem para falarmos sobre a discriminação contra a mulher. Após isso, a professora/pesquisadora perguntou para as crianças: “O que vocês acham dessa situação?”. “Eu acho que ele que deveria ter sido preso. Não pode bater em mulher, é errado e vai pra cadeia”. (aluno 7).

Pelas palavras do aluno 7 percebemos que algumas crianças têm noção da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006, ao definir que a violência doméstica contra a mulher é crime e aponta as formas de evitar, enfrentar e punir o agressor). Também indica a responsabilidade que cada órgão público tem para ajudar a mulher que está sofrendo a violência. É um tema muito importante, mas que a professora não tinha colocado como pauta na leitura da obra. Entretanto, a partir das experiências em sala de aula com as crianças, sabemos que outros temas podem surgir, uma vez que elas, por vivenciarem diversas situações no dia a dia, podem ter conhecimento de outros assuntos, mais do que possamos imaginar.

Essa colocação do aluno nos levou a pensarmos na situação feminina desde os anos de 1815 até agora. Ou seja, se antes as mulheres não tinham muitos direitos, hoje elas já possuem mais do que naquela época, como, por exemplo, o mencionado pelo aluno 15: “O direito de trabalhar”, além do: “O direito de estudar” (aluna 1), “O direito de não apanhar” (aluno 7). Além de falarmos sobre a origem da Lei Maria da Penha, mencionamos também alguns de seus artigos na legislação brasileira que tratam do bem-estar e proteção da mulher. Contudo, não nos aprofundamos muito no tema, haja vista que as crianças possuíam uma boa compreensão no que se refere à igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Quando estávamos encerrando as discussões da obra nesse dia, o aluno 3 sugeriu que a turma ajudasse as pessoas, pois ele iria doar uma escavadeira para uma criança, devido ao fato de ele ter visto um vídeo em que uma menina de 5 anos doava uma escavadeira para outra. Ele iria

fazer o mesmo com outra criança de rua. Além disso, daria também um carrinho do Batman, conforme mencionado por ele na sala de aula.

Na sequência da atividade, a professora/pesquisadora indagou: “Enquanto crianças, o que vocês podem fazer para ajudar alguém?” Alguns discentes responderam: “Fazendo doações de roupas, sapatos e comidas” (aluna 17). “O livro é legal porque o Jean Valjen contou o que ele fez pra salvar o homem, e achei triste porque a Fantini morreu” (aluna 5).

Essas respostas levaram a docente a entender que uma atitude que a professora deve manter durante a contação das histórias é deixar as crianças se expressarem livremente, pois muitas vezes os diálogos retomam as discussões anteriores, ou mesmo a outros assuntos de fora da história, mas presentes na vida delas. Isso é relevante para organizarmos as falas para que todos possam “ter voz”, mas também motivar aqueles que são mais quietos. Não temos dúvidas de que todos têm algo para contribuir com as discussões, mas a maioria ainda não tem a espontaneidade de conversarem, de modo que, ao identificarmos esses alunos, é importante o professor dar a eles o poder da fala, trazendo-os para os diálogos.

Em outra aula, conhecemos melhor como está vivendo a personagem Cossete, com uma senhora que só a maltrata. No que se refere a essa cena, alguns estudantes assim se posicionaram:

“Essa velha é muito malvada. Ela não é do bem”. (aluna 1)

“Tem que deixar a criança brincar”. (aluna 8)

“Quando a pessoa é malvada não gosta de criança”. (aluno 22)

“Só gosta de adulto”. (aluna 1)

“Tem pessoas que se dizem boas, mas só faz coisas ruins”. (aluna 13)

As respostas são significativas, pois nos fizeram refletir sobre os direitos da criança. Com isso, trouxemos alguns desses direitos e falamos um pouco sobre o Conselho Tutelar e o Estatuto da Criança e do Adolescente, ao mostrar os principais direitos e deveres das crianças na lei brasileira, que é uma referência em todo o mundo.

Para finalizar as discussões desse dia, fizemos uma lista com os nomes dos personagens da história, a pedido do aluno 7, para ficar no quadro da sala de aula. Essa ação foi necessária, uma vez que os nomes em francês são mais complicados para a compreensão das crianças.

Em outro momento, após a leitura da obra, falamos sobre a solidariedade e egoísmo. Em seguida, algumas falas começaram a emergir na sala de aula:

- “Egoísmo é uma pessoa que não quer dividir”. (aluno 1)
“Porque é mal educado, não gosta das pessoas”. (aluno 22)
“O Javert era mal. Não gostava de ninguém, não amava as pessoas. Hoje minha mãe deu carona para a amida dela para o trabalho”. (aluna 20)
“Se uma pessoa não gosta de alguém é egoísta. Se não ajudar a outra fica egoísta”. (aluna 1)
“A Cossete foi judiada, se fosse hoje isso não podia acontecer”. (aluna 1)

Pelas respostas acima, fica evidente que a aluna 1 tem um bom entendimento dos direitos das crianças, e pelas demais respostas constatamos que as crianças já relacionam bem as atitudes com as virtudes humanas.

Na esteira dessas reflexões, mencionamos Freire (2003), ao dizer que antes de aprender a ler e escrever o aluno precisa aprender a ler o mundo. Isto significa que no momento em que o aluno é capaz de “ler o mundo”, ele estará pronto para o processo de alfabetização, pois já tem a base do letramento, cabendo à escola associar esses dois processos durante a sua aprendizagem. O que fizemos ao longo da pesquisa foi garantir que o processo de alfabetização acontecesse de forma natural, pois ele está a todo o momento presente nos eventos de letramento.

Noutra aula, após a leitura da história, fizemos uso do mapa mundi e do globo terrestre para localizar a França e vermos a sua distância em relação ao Brasil. Quando as crianças olharam e manusearam esses materiais, muitas perguntas surgiram, tais como:

- “Quantos países têm no mundo?” (aluno 15)
“Porque tem tantas bandeiras estranhas? Esse lugar aqui deve ser frio”. (aluno 3)
“No final da história vão se transformar em pessoas boas, igual ao Jean Valjean, ou ficarão maus”. (aluno 15)
“Queria ver como foram as guerras aqui, se eram com armas, com faca, espada. Eu nunca queria que as pessoas atirassem nas pessoas, eu nunca quero maltratar as pessoas e os colegas”. (aluna 20)
“O Quinze e Os Miseráveis são parecidos, as imagens, as falas, as casas parecem iguais, são pobres. O Chico Bento também era miserável. As guerras são muito malvadas, elas acontecem porque as pessoas ficam malvadas. A guerra aconteceu porque queriam tirar o rei e a rainha”. (aluna 11)
“A república é melhor porque você escolhe. A revolução francesa as pessoas pobres fizeram a revolução, eles estavam revoltados, elas sofriam muito, eles queriam a república”. (aluna 1)
“Se o rei era rico e cuidasse das pessoas, ele poderia cuidar de todo o povo, assim o povo não teria matado ele. O rei é muito egoísta, ele mandava em tudo e não cuidava de milhares de pessoas, só de algumas”. (aluna 1)
“Hoje as crianças só estudam, não podem trabalhar como naquela época. As pessoas tinham que ser iguais, como as suas unhas professora, pintadas todas da mesma cor”. (aluna 1)
“A história é triste porque fala de pobreza, guerra, morte e dá tristeza. É melhor contar história para aprender e poder contar às pessoas”. (aluno 15)

Pelas falas acima, fica claro que os alunos identificaram a importância da oralidade das histórias para a preservação e disseminação dos saberes. Sobre isso, Eisner (2005, p. 8) diz que “contar histórias preserva o conhecimento passando-o de uma geração para outra”.

Em outro dia, a aula foi com o globo terrestre luminoso. Nessa atividade, as crianças ficaram encantadas com a sua luminosidade. Nessa atividade, após explicação da docente da turma, formaram-se grupos pequenos e eles foram até o globo para explorá-lo.

No decorrer dessa atividade, algo nos chamou a atenção. Um aluno perguntou: por que ficamos no chão? O que segura o chão? O aluno 10 explicou que é por causa da gravidade, e que os planetas são diferentes uns dos outros. Detalhe: ele ainda não havia ouvido a professora falar sobre gravidade.

Além disso, os alunos reconheceram os polos desse globo terrestre como sendo os lugares mais frios do planeta Terra. Perguntaram ainda sobre as ilhas e os continentes. Acharam a França muito pequena em comparação com o Brasil (em proporção territorial), e consideraram o Tocantins e o Ceará maiores que esse país europeu.

Posteriormente, falaram que as águas do mar são salgadas e que só podemos beber a água doce, como a da escola, pois a água salgada não tem proteína e, com o seu consumo, podemos adoecer e morrer se a bebermos. Em síntese, para a turma, a água doce seria para as pessoas e a salgada para os peixes.

Foi uma aula bem lúdica e divertida, pois eles apreciaram muito o globo terrestre. Também deixamos que eles mesmos explicassem uns aos outros as suas descobertas. Constatamos que foi um momento em que a professora/pesquisadora os deixaram mais livres e com autonomia para discutirem e realizarem a atividade.

Por fim, em uma das aulas, concluímos a leitura da obra Os Miseráveis. A personagem Jean Valjean, que já estava idosa, acaba morrendo. As crianças não gostaram dessa parte, mas entenderam que esse é um processo natural de todo ser vivo. Outro ponto importante no final da história foi a transformação do inspetor Javert que fez uma coisa boa, mas ficou em conflito consigo mesmo e se jogou de uma ponte. Acerca dessa cena, um aluno se manifestou: “É ruim porque quando morre não tem mais vida, e ele poderia fazer mais coisas boas”. (aluno 22)

Em suma, notamos que os alunos consideraram boa a história e gostaram do final, na qual os personagens Marius e Cosette ficaram juntos. Segundo eles, a história nos mostrou o que é igualdade e que devemos ser pessoas boas, que a maldade não faz bem, as guerras são ruins, não podemos ser egoístas, as pessoas devem lutar pelos seus direitos, crianças não devem trabalhar, e que as pessoas podem mudar para melhor. Estas foram algumas observações feitas pelas crianças, e notadas por nós durante as aulas.

A socialização da atividade que foi enviada para casa foi feita em dia agendado pela docente/pesquisadora com a turma, e muitas trouxeram curiosidades dos países escolhidos, de forma que pudemos conhecer um pouquinho mais sobre alguns deles, além dos significados das

palavras novas que eles passaram a conhecer por meio da obra analisada. Importa destacar que dos 26 alunos da turma, 20 trouxeram a atividade feita, sendo um número expressivo.

Nesse sentido, mais importante que ler uma obra literária com as crianças é fazer com que a leitura atinja o seu propósito de humanização. Isto é: as duas obras escolhidas tinham temas bastante parecidos e outros diferentes, mas que se complementavam. Uma narrativa falava do Brasil e outra da França, em tempos passados. Mas eles conseguiram fazer a ligação das duas obras com a nossa realidade, pela linguagem das histórias em quadrinhos, não sendo uma experiência neutra para eles. Como disse Cândido (2011, p. 178), “ela não é uma experiência inofensiva”, pois ela leva o homem a refletir sobre sua própria realidade.

A obra escolhida e analisada neste artigo se enquadra no que Cândido (2011, p. 183) situa como literatura social, ou seja, transcende o tempo e permanece atual, pois ela é inconclusiva e pode ser representada e ampliada por outras linguagens, como a das histórias em quadrinhos. Não queríamos uma leitura que apenas divertisse, mas narrativas que produzem conhecimento e fossem ao mesmo tempo envolventes e que levassem às crianças a refletirem sobre suas vidas dentro das suas realidades.

Dito isso, por que usar literatura clássica com crianças pequenas? Já ouvimos diversas vezes essa pergunta, mas responderemos com outra pergunta: por que não usar esse tipo de literatura em histórias em quadrinhos? Essas questões podem causar certa estranheza, pois parte do nível de leitura presente em nossa sociedade, na qual a literatura erudita ainda é privilégio de poucos, tem-se a visão que ela não “cabe” nas camadas populares, como enfatizado por Cândido (2011): “nas sociedades de extrema desigualdade, o esforço dos governos esclarecidos e dos homens de boa vontade tenta remediar na medida do possível a falta de oportunidades culturais”. (CÂNDIDO, 2011, p. 190). Infelizmente, não temos visto nos últimos anos ações governamentais efetivas para ampliar a cultura em nosso país, mas é na nossa prática como professores que podemos plantar a semente da mudança. Não estamos dizendo que seremos os “salvadores”, mas que por meio de nossas práticas pedagógicas transformadoras é possível que em algum lugar ou momento, elas deem frutos.

Essas reflexões nos permitem afirmar que essas práticas devem ir além do ato de ler e escrever. Sabemos que os estudos e discussões em torno desse tema se estendem desde a década de 1980 e continuam ainda nos dias de hoje. Está muito claro que o ensino deve garantir ao aluno uma aprendizagem significativa para atuar conscientemente e de forma crítica em todos os eventos sociais que envolvem a leitura e a escrita. Ou seja, sabemos que há formação humana, mas essa ainda não é suficiente quando relacionamos a vida humana e os eventos de letramento.

Nessa reflexão, Soares (1998, p. 112) menciona que “o índice de letramento de uma sociedade ou de um grupo social é um dos indicadores básicos do progresso de um país ou de uma comunidade”. Dito com outras palavras, não há como fazer essa medição em números, de maneira eficiente, mas podemos ter a noção de letramento de um povo a partir dos seus aspectos sociais, culturais e econômicos. Pois, o letramento pressupõe uma formação crítica, e essa criticidade gera transformação social. Quando vemos o nível de desigualdade em nosso país, percebemos que ainda precisamos avançar muito na formação que leve ao letramento.

É essencial assinalar que essa desigualdade também está presente quando pensamos em níveis de letramento, pois eles giram em torno de aspectos mencionados acima, o que leva as crianças das camadas populares a ficarem em “desvantagem”. No entanto, a partir de práticas educativas que priorizem os eventos de letramento, é possível ampliar significativamente o nível de letramento do grupo escolar.

Os dados revelaram ainda que os alunos já possuíam saberes, tinham conhecimento de mundo, como destacamos em alguns momentos nesta pesquisa. De fato, a transposição didática realizada via leitura das HQs e as atividades realizadas com a turma fizeram com que esses conhecimentos fossem ampliados e novos fossem construídos, uma vez que o conhecimento científico foi transformado em um saber a ser ensinado na escola (CHEVALLARD, 1991), considerando o nível de escolaridade dos participantes (neste caso, crianças da educação infantil). Atribuímos esse nível de letramento dos alunos ao contato com as obras literárias, no formato em quadrinhos. Isso é importante ressaltar, pois de acordo com Vergueiro (2010), as HQs auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura, e conseqüentemente, na ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, ao possibilitar que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, como, por exemplo, a curiosidade em identificar e compreender novas palavras, antes desconhecidas pela maioria deles. Entendemos que esse processo pode ampliar o seu vocabulário e, conseqüentemente, ajudar na sua formação de leitores.

No entanto, para isso acontecer, é preciso que a escola desenvolva uma “educação como prática de liberdade”, como já dizia Freire (1975). Nessa direção, Soares (2004) salienta da relevância da educação garantir ao homem as competências e habilidades necessárias para atuar conscientemente nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Ambas as ideias desses teóricos se complementam, pois não há como termos uma educação libertadora se o aluno não conseguir se perceber como parte da sociedade.

Esse foi um dos objetivos da transposição didática realizada: fazer com que os alunos, a partir da apropriação da obra literária em histórias em quadrinhos, se percebessem como parte de

uma sociedade que está em movimento e que eles são protagonistas, não meros coadjuvantes. E mais: que todas as mudanças afetam a todos; além disso, nós somos partes dessa mudança e precisamos agir com consciência crítica para transformar a realidade da qual fazemos parte.

Considerações finais

As atividades relacionadas com a obra literária *Os Miseráveis* nos proporcionaram compreender que os processos de alfabetização, letramento e formação de leitores pode ocorrer de forma eficiente com alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental, desde que a transposição didática seja planejada, pensada e ensinada para esse grupo escolar específico. A escolha dessa obra em HQs foi fundamental para que os temas fossem desenvolvidos e que as crianças se mostrassem mais interessadas na leitura dela e, conseqüentemente, entender aspectos culturais, sociais e virtudes presentes nessa história, via transposição didática.

A pesquisa evidenciou também que a partir das atividades realizadas na leitura da obra literária, a maioria dos alunos se encontra em um nível de letramento acima do que se espera para sua faixa etária. Essa percepção foi construída a partir do desenvolvimento dos alunos nas atividades e nas demais práticas pedagógicas desenvolvidas durante todas as aulas. É essencial destacar que não há como o aprendizado ficar isolado nesse processo; ao contrário, ele será parte da vida do aluno durante toda a sua escolarização e quando concluir os seus estudos.

Esperamos que este estudo ajude a contribuir um pouco mais para a produção de conhecimento acerca do letramento, alfabetização e transposição didática com histórias em quadrinhos na educação infantil, uma vez que ainda são incipientes pesquisas que abordem esse tema na literatura científica brasileira, conforme revisão bibliográfica realizada neste estudo.

Referências

ARAÚJO, G. C. *O letramento estético na consolidação dos processos de leitura e escrita de educandos jovens e adultos da Educação do Campo*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília, 2018. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p73tb> Acesso em 13 de setembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-iniciais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades> Acesso em 02 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 5ª a 8ª Séries*. Brasília, 1998.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2011, p. 171-193.

CHEVALLARD, Y. *La transposition didactique: Du savoir savant au savoir enseigné*. Paris: La Pensee Sauvage, 1991.

COSSON, R. Letramento Literário: uma localização necessária. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 31, n. 3, p. 173-187, jul./dez. 2015. <https://doi.org/10.14393/LL63-v31n3a2015-11>

COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

KLEIMAN, A. B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 15-61.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, T. M. K; ZILBERMAN, R. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 61-80.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./fev./mar./abr., 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>

SOARES, M. B. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003, p. 89-113.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VEGUEIRO, W. et al. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 31-64.